



Mata, Lília (texto), Caldeira, Sofia (ilustrações), Magalhães, Zé Tó (músicas) (2011). *A Nuvem que Queria Chover Onde Era Preciso*. Coleção 25 anos uma história. [Funchal]: Associação de Amigos do GCEA.

O projeto editorial *A Nuvem que Queria Chover Onde Era Preciso* foi concebido como um artefacto literário e artístico com a valência de *kit* pedagógico. Fruto de um trabalho de equipa, que articulou várias competências cognitivas e performativas, o volume oferece tanto ao jovem leitor como ao educador (profissional ou amador) um conjunto de atividades diversificadas. Desde a leitura de textos e imagens, ao visionamento de um vídeo animado (em DVD), às várias possibilidades de interpretar a história da Nuvem antropomorfizada, à consulta de saberes populares (provérbios sobre previsão de tempo) ou da terminologia técnico-científica (diferentes tipos de nuvem), passando por exercícios lúdicos (sopa de letras, jogo das diferenças, adivinhas), a que não falta até concursos com prémios sobre o tema das nuvens, o usufruidor desta publicação encontrará múltiplas propostas de atividades recreativas e formadoras.

O volume pode dividir-se em quatro partes: o conto e as ilustrações (Lília Mata e Sofia Caldeira, respetivamente); a adaptação do conto para teatro infantil com três canções (Equipa de animação e Zé Tó Magalhães); o conjunto de passatempos; e, finalmente, o vídeo animado (Equipa de animação).

“A Nuvem que Queria Chover Onde Era Preciso” narra a história de uma amizade improvável entre Clara, a nuvem que quer ser útil, e João, um menino inteligente e bondoso que se vê, por ser como é, ostracizado pelos outros. Se, por um lado, o enredo, simples e linear, estabelece um jogo cativante entre o mundo imaginário e o mundo real, por outro, a narração vive da qualidade de escrita, tão acessível quanto poética, perfeitamente adequada ao público visado, mas que pode muito bem agradar às demais faixas etárias. Ao propor personagens tocantes com as quais o público tenderá a identificar-se, a voz do texto encontrou mediadores convincentes para transmitir as seguintes mensagens: consciencializar-se dos problemas do planeta e da motivação interesseira das organizações humanas; importar-se com o próximo e com o mundo envolvente; dar um sentido positivo à existência, procurando atuar em prol de melhores condições

de vida; querer saber sempre mais do que aquilo que nos ensinam; não ser indiferente à infelicidade de quem sofre; contrariar as injustiças e aceitar a diferença, sustentando, assim, uma identidade múltipla e complementar.

Quem acompanha a literatura de ficção de Lília Mata (*Histórias do Bertoldinho*<sup>1</sup>, 1998, e *Contos de Embarcar*<sup>2</sup>, 2002), sabe que a autora se inspira particularmente no universo da sua infância e juventude. A própria reconhece que “gosta de contar histórias e de reconstruir experiências da infância” (*e depois? sobre cultura na Madeira*<sup>3</sup>, 2005: 105). Não admira, pois, que tal pendor acabasse também direcionando a sua escrita para os mais jovens. Acerca da sua arte efabulativa, Irene Lucília Andrade já notava a respeito do seu primeiro livro: “uma narrativa brilhantemente conseguida, um jeito de contar tranquilo para «ouvir» à noite em qualquer necessário serão, antes que faleça por falta de estímulo e exemplo a nossa capacidade de criar prodígios”<sup>4</sup>. Por sua vez, António Carvalho da Silva, dando conta da sua leitura de *Contos de Embarcar*, define o estilo da autora do seguinte modo: “uma escrita oralizante com ritmo atraente, (...) criativa ao nível das estratégias narrativas”<sup>5</sup>. Escusado será sublinhar que são estas qualidades que presidem à construção do presente texto de ficção.

Acresce que as sugestivas ilustrações de Sofia Caldeira se oferecem como desenhos de traço infantil, coloridos, expressivos e de fácil interpretação – como não podia deixar de ser –, para suscitar empatia junto do jovem leitor e motivá-lo à leitura. Optando por uma paginação que combina a imagem com o texto, como se este a legendasse, a ilustração serve para revelar cada etapa do desenrolar da ação, marcar uma cadência e tornar, deste modo, a leitura do

1 Mata, Lília (1998). *Histórias do Bertoldinho*, Funchal: Câmara Municipal do Funchal.

2 Mata, Lília (2002). *Contos de Embarcar*, Introd. José Luis Peixoto. Terra à vista, 3. Funchal: Arguim.

3 Moniz, Ana Isabel, Pimental, Diana e Santos, Thierry Proença dos (2005). *e depois? sobre cultura na Madeira*, actas do ciclo de conversas com posfácio dos organizadores. Funchal: Universidade da Madeira.

4 “A Fita Azul” em *Margem 2*, nº 11, abril 2001: 34.

5 “Contos Madeirenses do destino” em *Islernha*, nº 34, junho 2004: 98.

texto mais acessível.

O conto “A Nuvem que Queria Chover Onde Era Preciso” que serviu de ponto de partida e de mote a este projeto artístico e multimédia também tem a sua história (editorial). À semelhança da nuvem que se metamorfoseia ao sabor das condições climáticas, o texto de Lília Mata passou, de igual modo, por um processo de transformação. Deu-se a conhecer numa primeira versão intitulada “História de uma Nuvem”, publicada na revista *Margem 2* (erradamente titulada *Margem 4* na capa)<sup>6</sup>. O processo de revisão que esta versão sofreu revela que a autora intervencionou o texto com o seguinte propósito: clareza da exposição e densidade poética. A título de exemplo, confronte-se um excerto da versão anterior com o passo correspondente da versão atual:

“Ainda não tinha dito como se chamava, pois não? Pois chamava-se Clara. Bonito nome para uma nuvem que afinal não era bem igual a todas as outras, que afinal tinha algumas diferenças. Clara era a única que desejava chover noutro sítio só porque lá era mais preciso que chovesse.” (Mata, 2007: 43)

“Clara – era assim que se chamava esta nuvem – tinha a estranha mania de querer chover nos sítios onde a chuva fazia mais falta. § Ninguém percebia de onde lhe tinha vindo esse sentimento de justiça num mundo tão injusto, onde até as nuvens só se importavam em serem nuvens e mais nada. Muitas nuvens não se mexiam um milímetro, queriam lá saber do que estava por baixo.” (2011: 8)

Se a linguagem se mantém acessível de uma versão para a outra, o certo é que em muitos passos a reformulação visou quer o apuro da frase, quer a redução do discurso narrativo ao essencial.

A partir da atual versão, fez-se uma adaptação para teatro infantil, operação que, por si só, ao conferir-lhe tal expansão, comprova a força do modelo narrativo. A que se acrescentou três músicas (a canção de abertura, uma opereta e a canção final) que entram facilmente no ouvido e cujas letras definem a personalidade da nuvem que protagoniza a fábula e destacam, no fecho, «a lição» da mesma. Estes prolongamentos ou extensões funcionam como um hipertexto, ou seja, uma reformulação da história

cuja mediatização se quer reatualizada, para que a adaptação se aproxime do público visado.

Quanto ao trabalho de reescrita para a adaptação teatralizada, sabe-se que este consiste em simplificar, concentrando-o, o esquema narrativo, em destacar os protagonistas e acontecimentos principais do enredo, bem como em transformar a narração em diálogo. Assim, tudo é revelado ao público através da fala das personagens que interagem nos diálogos, sendo estes o «motor» da ação em tempo real. Dramatiza-se uma dialética entre as personagens e o mundo do qual fazem parte, de modo a configurar um processo de aprendizagem com a seguinte lição: “eu agora entendi que o mundo pode ser diferente / basta uma única semente brotar da terra / nascer e transformar-se / (...) / Eu agora entendi que posso mudar alguma coisa / e que vale a pena continuar a acreditar”. Em todo o caso, encenar este texto é um divertimento que pode ser ensaiado em casa dos leitores ou em contexto de sala de aula, tal como exemplifica o vídeo animado, produzido com poucos recursos mas com engenho, ao dar vida a bonecos suspensos com fios, em pano de fundo pintado à mão.

A iniciativa editorial em apreço foi especialmente levada a cabo para assinalar o vigésimo quinto aniversário de uma instituição com forte identidade cultural que se tem afirmado na área do Ensino Artístico. Com efeito, o vasto leque de atividades que tem vindo a desenvolver é reveladora de uma assinalável capacidade técnica e artística, bem como de uma favorável abertura intelectual e processual que a torna apta a dialogar com o resto do mundo.

Ciente da importância do livro como meio para promover a valorização social e cultural do jovem, a Associação de Amigos do Gabinete Coordenador do Ensino Artístico tornou possível uma publicação constituída como um recurso prático e valioso para todos aqueles que trabalham com crianças. Desta forma, *A Nuvem que Queria Chover Onde Era Preciso* apresenta-se como um artefacto que permitirá ampliar a percepção que a criança deve ter dos processos criativos e das linguagens artísticas.

*Thierry Proença dos Santos*  
Universidade da Madeira / Centro de Tradições  
Populares Portuguesas – C.L.E.P.U.L.

<sup>6</sup> Mata, Lília (2007). “História de uma Nuvem” em *Margem 4*, Maria Aurora Homem (ed.). Funchal: Câmara Municipal do Funchal – Departamento da Cultura, 43-47.